

### **Esporotricose – Revisão de Literatura**

A esporotricose é uma disfunção infectocontagiosa fomentada por um microrganismo pertencente ao *Reino Fungi*. A literatura científica especializada associa a prevalência dessa disfunção, majoritariamente, ao gato caseiro. Porém, venturosamente, o registro clínico da patologia em estabelecimentos veterinários não simboliza uma constância, entretanto, médicos veterinários e outros profissionais que lidam diretamente com esses animais necessitam de atenção em relação à divulgação do padecimento.

FONTES et. al. explica que o agente etiológico da afecção é o *Sporothrix schenckii*. PINHEIRO JR et. al. categoriza a moléstia infecciosa como uma zoonose, sendo passível de ser transferida para o homem. Os autores também defendem a proteção do sistema tegumentar quando veterinários estiverem atendendo um paciente que conferir determinada sugestão diagnóstica, pois a proximidade com as injúrias presentes na pele do animal solidifica uma possibilidade de transladação da doença.

CRUZ et. al. anuncia que a esporotricose é um distúrbio que denota uma eminente penetração. DONADEL et. al. (1993) informado por CRUZ et. al. enfatiza que a incidência da doença é cosmopolita. O autor ainda declara que o microrganismo tem uma alta afinidade pela matéria orgânica em condição de desintegração química. Além disso, XAVIER (2004) outorga a predominância da esporotricose aos felinos domiciliados.

Ainda em concordância com a assertiva supracitada, SILVA (2004) pronunciado por CRUZ et. al. assegura maior susceptibilidade de transmissão entre gatos machos não-castrados e violentos que efetuam ferimentos por conta dos confrontos pela competição de fêmeas e territorialismo. No entanto, MADRID (2007), confirma uma provável ocasionalidade da esporotricose em cães, entretanto, não tão severa como o pronunciamento em felinos.

PAULA (2008) incrimina a expressão da enfermidade em felinos, pois esses animais podem desenvolver uma tendência íntima de brincar com o solo terrestre. Segundo a mesma autora, gatos com acessibilidade à rua têm maior vulnerabilidade à infecção. MEDLEAU & HNILICA (2003) comunicados por PINHEIRO JR. acreditam que o ser humano exterioriza maior indefensabilidade quando mantém contato com substratos orgânicos infectados.

ETTINGER & FELDMAN (2000) afirmam que a esporotricose é estruturada por formações de granuloma. NELSON & COUTO (2006) reportados por FONTES et. al. notificam que materiais contendo o fungo equivalem às secreções biológicas excretadas dos sistemas digestivo e respiratório. SILVA (2008) caracteriza a revelação da esporotricose em feridas circunscritas, primordialmente, na cabeça e pela extensão do dorso do indivíduo.

De acordo com CRUZ et. al; em humanos, as lesões detêm uma certa gravidade. Contudo, o diagnóstico é instituído com um exame clínico e físico minuciosos, uma anamnese meticulosa e acesso à história sugestiva do paciente. No entanto, PAES (2007) argumenta que as técnicas que admitem maior confiabilidade é a cultura celular ou microbiológica, com avaliação do conteúdo interior dos materiais coletados.

Por conseguinte, muitos autores e escritores da comunidade científica e acadêmica selecionam antimicrobianos muito empregados na rotina clínica veterinária, dentre eles pode-se evidenciar o itraconazol, fluconazol e miconazol. Diante disso, em conformidade com Ettinger e Feldman (2000), os sais inorgânicos também são amplamente utilizados e o antifúngico anfotericina B pode ser requerido pelos profissionais pertinentes.

## Referências:

STELLA FONTES, ALESSANDRA SAYEGH ARREGUY SILVA, CLARISSE ALVIM PORTILHO. ESPOROTRICOSE. IN: VI SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE, 6, 2014, VIÇOSA. ANAIS... VIÇOSA: FACISA, OUTUBRO, 2014;

PINHEIRO JR, ÓSNI ÁLAMO; MARTINS, RODRIGO LEANDRO GOUVÊIA; BARCELOS, FABÍOLA. Esporotricose. ANAIS DA III SEPAVET – SEMANA DE PATOLOGIA VETERINÁRIA – E DO SIMPÓSIO DE PATOLOGIA VETERINÁRIA DO CENTRO OESTE PAULISTA. FAMED – FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA DA FAEF;

CRUZ, CAMILA SANTOS ANSELONI; FERREIRA, MAURÍCIO LAMANO.

Ocorrência de Esporotricose em Animais Domésticos: Uma Revisão Bibliográfica. XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba;

DONADEL ET AL., K, W; REINOSO, Y. Y. D.; OLIVEIRA, J. C.; AZULAY, R. D.; Esporotricose:revisão; Anais Brasileiro de Dermatologia; vol.: 68 (01); 45-52; 1993;

XAVIER, M. O.; NOBRE, M. O.; JUNIOR, D. P. S.; ANTUNES, T. A.; NASCENTE, P. S.; SÓRIA, F. B. A.; MEIRELES, M. C. A.; Esporotricose felina com envolvimento humano na cidade de Pelotas, RS, Brasil; Ciência Rural, Santa Maria, v34, n.6, p. 1961-1963, nov-dez, 2004;

MADRID, I. M., XAVIER, M. O., MATTEI, A. S., CARAPETO, L. P., ANTUNES, T. A., SANTOS JUNIOR, R., NOBRE, M. O., MEIRELES, M. C. A., Esporotricose óssea e cutânea em canino, Brazilian Journal Veterinary Research and Animal Science, São Paulo, v. 44, n. 6, p. 441-443, 2007;

PAULA, R. B.; Esporotricose canina e felina – Revisão de Literatura; Universidade Castelo Branco; 2008; Rio de Janeiro. Defesa de Especialização;

MEDLEAU, L., HNILICA, A. K., **Dermatologia de Pequenos Animais: Atlas Clorido e Gia Terapêutico**; São Paulo, 2003, 354p;

ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. Tratado de Medicina Interna, Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2000. 499p;

NELSON, R. W.; COUTO, C.G. **Medicina interna de pequenos animais**. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2006;

SILVA, D.T.; PEREIRA, S.A.; GREMIÃO, I.D.F; CHAVES, A.R.; CAVALCANTI, M.C.H.; SILVA, J.N.; SCHUBACH, T.M.P.; Esporotricose conjuntival felina; Acta Scientiae Veterinariae; 36(2): 181-184; 2008;

PAES, R.A., Antígenos e Anticorpos na esporotricose: caracterização e aplicações diagnósticas, Instituto Oswaldo Cruz, Defesa de Mestrado, Rio de Janeiro, 2007;

THRAL, M. A.; Cytologic Features of Head and Neck Lesions; Western Veterinary Conference; 2002; CA.